

## SITUAÇÃO LIMITE DO ANALISTA: UMA CRÍTICA SARTREANA A PSICANÁLISE EM *L'HOMME AU MAGNÉTOPHONE*

[ANALYST'S LIMIT SITUATION: A SARTREAN CRITIQUE OF PSYCHOANALYSIS IN *L'HOMME AU MAGNÉTOPHONE*]

Diego Rodstein Rodrigues \*  
Universidade do Vale do Paraíba, Brasil

**RESUMO:** O presente artigo tem como intento desenvolver a possibilidade de pensarmos uma situação limite na relação analisando/analista através de uma análise do artigo *L'homme au Magnétophone* contido na obra *Situations IX: Mélanges* de Jean-Jacques Abrahams. Nesse texto, publicado na revista *Le Temps Modernes*, apresenta-se um caso controverso onde um analisando (“A”) estava frustrado com seu analista (“Dr. X”) pois, depois de 18 anos de análise, a promessa da cura ainda não tinha sido alcançada. Durante o embate, “A” acusa Dr. X de, ao longo de sua análise, ter instituído controle sobre sua vida e que ao invés de curá-lo apenas agravou as “loucuras” que buscava tratar. Para o debate traremos a obra sartreana, com enfoque no projeto da psicanálise existencial, proposta sartreana de revisão da psicanálise; a má-fé, estrutura autorreferenciada que pode ser vista como uma “mentira íntima”; as violências das condutas intersubjetivas na relação analisando/analista e os limites desta relação.

**PALAVRAS-CHAVE:** fenomenologia existencial; psicanálise existencial; empatia

**ABSTRACT:** This article intends to develop an analysis about the limit situation in the analysand/analyst relationship through an analysis of the article *L'homme au Magnétophone* contained in *Situations IX: Mélanges* by Jean-Jacques Abrahams. In this text, published in the journal *Le Temps Modernes*, a controversial case is presented where an analysand (“A”) was frustrated with his analyst (“Dr. X”) because, after 18 years of analysis, the promise of a “cure” is still had not been achieved. During the clash, “A” accuses Dr. X of, throughout his analysis, having instituted control over his life and that, instead of curing him, he only aggravated the “madness” he sought to treat. For this debate we will bring Sartre's work, focusing on the existential psychoanalysis project, Sartre's proposal for the revision of psychoanalysis; bad faith, a self-referential structure that can be seen as an “intimate lie”; the violence of intersubjective behaviors in the analysand/analyst relationship and the limits of this relationship.

**KEYWORDS:** existential phenomenology; existential psychoanalysis; empathy

### INTRODUÇÃO

Iniciaremos nosso debate a partir da conceitualização das estruturas intersubjetivas em Sartre e o papel do olhar. Para isso, delimitaremos o debate sobre como que as todas relações de alteridade está fundada em um conflito que não se cessará em nenhum momento, mas poderá ser “amenizado” pela busca de uma

\* Doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2019). Coordenador do curso de graduação em História da Universidade do Vale do Paraíba. E-mail para contato: [diegorods@univap.br](mailto:diegorods@univap.br)

reciprocidade. Tal reciprocidade deve ser sempre situada, de maneira a não ser apenas uma busca sem condições, mas sim uma situação que gera as minhas possibilidades de agir frente a outro.

Na seção *A intersubjetividade no L'homme au magnétophone*, debateremos como que a relação analista/analizando surge na clínica psicanalítica clássica, onde o desvio do olhar que o divã traz, busca garantir ao analista uma superioridade na relação intersubjetiva. O caso do *L'homme au magnétophone*, ilustra como que a vinda do analisando com a demanda de gravar a sessão, rompe com a distância do divã e o analista se nota olhado, sendo assim transformado em um objeto do olhar de seu analisando. Tal ruptura, retorna o debate da violência de ser olhado dentro da clínica psicanalítica e levanta as problemáticas de uma relação verticalizada da clínica clássica. Ainda nessa seção traremos a baila a problemática da necessidade que a análise cria de uma “autorização para cura”.

Após isso, focaremos na que chamamos de situação-limite, tal situação se caracteriza na ruptura da dicotomia analista/analizando. Tal ruptura, trazida pela violência do olhar, quebra com a segurança dos papéis dentro da clínica e consigo configura uma horizontalidade construída através da reciprocidade. Há um risco que o analista assume ao chafurdar-se na psique do outro. Há uma situação limite que se faz na análise que habita na linha tênue de promover a clarificação ou apropriar-se do outro como objeto, na recusa da reciprocidade dessa relação. A partir das leituras da psicanálise existencial proposta por Sartre, tentaremos traçar um limite de alcance para a proposta de uma análise comparativa entre a psicanálise existencial e a clássica, nas situações limite da dialética analista/analizando e nas violências que o ambiente da análise constrói. Cabe frisar que esse limite não se encontra necessariamente como uma crítica, mas como um modo de enxergarmos até onde a psicanálise proposta por Sartre alcança.

Por fim, na última parte, teremos um debate acerca do que chamamos de “cristalizações de má-fé”. Má-fé para Sartre surge a partir de uma tentativa do sujeito de livrar-se da condição negativa de sua existência, dando assim objetos para si que tem o papel de predeterminar as motivações de nossas ações. Desta maneira, as cristalizações ilustram o modo pelo qual essas objetificações de má-fé ganham forma e tamanho ao longo de nossa vida. Ainda sobre o tema, iremos debater também como que através de um esforço para refletir esses objetos que se cristalizam no que projetamos para nós, colabora para clarificá-los e trazer de volta para o sujeito as rédeas livres de seus desejos. A partir dessa base conceitual traremos então a proposta de uma busca empática, fundada na reciprocidade e no esforço para a construção de uma situação que vise a horizontalidade da relação psicanalítica em um esforço constante de refletir e clarificar as cristalizações de má-fé em ambos lados, tal esforço é o que entendemos por *mitsein*.

Lembremos que Sartre foi um grande crítico do caminho que a psicologia seguia na tentativa de construção de uma ciência da psique. Mas, em especial, foi com a tradução da obra *Psicopatologia Geral* (1913) de Jaspers, fundando a noção de compreensão, que Sartre nota a grande necessidade de um estudo que revisasse as abordagens da psicologia, propondo assim uma crítica a psicologia que cristalizem e enrijeçam o ato livre da consciência.

A tomada de consciência da condição humana, revela o caráter contingente e

angustiante da vida concreta. O retorno a subjetividade, iluminado pelo analista, romperá com os rituais que tentam garantir de certa forma um sentido para os atos, extraindo o sujeito de uma vivência puramente imaginária, trazendo-o de volta para o concreto em ato. Como Sartre nos mostra: “Le renversement de la *praxis* démontre clairement que la relation analytique est par elle même violente, quel que soit le couple médecin-patient que nous envisagions..” (Sartre, 1972, p. 334). Através da derrubada da consciência cristalizada em um em-si que não te pertence, o analista agride as estruturas enraizadas na psique, agressão essa que mostra o caráter violento da análise, que irrompe com a falsa comodidade da má-fé e trás de volta ao sujeito sua liberdade de ser o que deseja para si.

### A VIOLÊNCIA DO OLHAR E A SITUAÇÃO *L'HOMME AU MAGNÉTOPHONE*

A partir da leitura das reflexões que Sartre faz *n'O ser e o Nada*, acerca das relações intersubjetivas, o autor nos mostra uma forma de alteridade que se fundamenta no conflito. O outro se apresenta como uma constante ameaça ao meu projeto, de maneira a agir livremente alterando e determinando estruturas concretas do mundo. Desta maneira a relação intersubjetiva sartreana deve se “assentar no perigo para mim que o outro constitui, na ameaça que e ele representa ao meu ser e à minha autonomia, posição conflitual suscitada pela total perda de domínio sobre o sentido das “minhas” possibilidades.” (Barata, 2008, p. 308) temos um conflito que não pode ser cessado. A salvação hegeliana na certeza de si, não possui validade aqui. O outro me expulsa da calma absoluta de si e me coloca como um objeto dele. Alienando de mim a minha liberdade, o outro me nota como algo “útil” para si mesmo e me transforma em um ser-para-ser-visto, a partir de um olhar que não revela a si mesmo para além daquele que me olha. Posso ser o executor do olhar ou a vítima olhada, de maneira que sempre haverá uma descompensação de forças. Na relação analisando/analista, tal relação não se diferencia. O analista clássico se distancia do analisando ao colocar o divã, fazendo com que o analisando não possa ser aquele que olha, havendo uma relação de poder onde o analisando é o único que possui o olhar, mas sempre correndo o risco do tornar dos olhos do analista para si. “É na experiência do ‘olhar’, portanto, que ambos correm ‘riscos’, em que responsabilidades são ali assumidas em uma ‘aventura em interioridade’ (a relação é intersubjetiva e não um mero discurso entre duas coisas inertes)” (Moura, 2017, p.527)

O analista clássico cairia em uma conduta que negaria as significações do analisando, para impor sobre o outro suas próprias significações, de modo a roubar do outro a liberdade e a subjetividade, em uma reestruturação dos vividos do analisando a partir dos desejos do analista. A violência empregada pela distância criada na relação analista com o analisando, funda um jogo de forças que o analisando inicia perdendo, pois, através dessa postura, o analista busca impedir ser o ser-olhado.

A violência empregada pelo olhar “exterioriza” a consciência em uma *natureza incognoscível* (Sartre, 1997, 338), me objetificando sem que eu possa ter controle sobre isso, sem que ao menos possa me defender. Há a destruição da subjetividade no olhar do outro, que ultrapassa minha significação e até em mim algo que entendo como meu, mas que não alcanço nunca. Por outro lado, sou capaz sempre de tomar a frente na conduta e ser o ser que olha.

Assim, o outro-objeto é um instrumento explosivo que manejo com cuidado, por que antevejo em torno dele a possibilidade permanente de o faça explodir e, com esta explosão, eu venha a experimentar de súbito a fuga do mundo para fora de mim e a alienação de meu ser. (Sartre, 1997, p. 378)

Porém, a relação fora da clínica teria a possibilidade aberta de assumir qualquer uma das posturas na dialética do olhar. Ser visto e ver o outro em uma situação cotidiana não possui imperativos que favoreçam qualquer um dos lados. Na visão de Sartre, o psicanalista clássico estabelece uma ligação entre analisando/analista que surge de uma situação fundada em uma relação de poder onde o analisando inicia sua análise sendo visto como “doente” e o analista como cura. Sua subjetividade, ao entrar na clínica, é roubada ao receber a cartilha de doente e sua liberdade destituída pelo “poder do analista”.

### A INTERSUBJETIVIDADE NO *L'HOMME AU MAGNÉTOPHONE*.

Durante o texto *L'homme au magnétophone*, “A”, frustrado com as promessas não cumpridas por “Dr. X”, diz: (...) “vous-même vous n'êtes pas guéri parce que vous avez passé trop d'années là-dessus. Vous n'osez pas regarder les gens en face. Tout à l'heure vous avez commencé en parlant de ‘faire face à mes fantasmés’.” (Sartre, 1972, p. 346)

Ao se referir sobre “ser obrigado a virar as costas” “A” questiona o divã. Através da situação do divã, o analista clássico se resguarda de ser violentado pelo olhar do analisando, mantendo assim a sua superioridade dentro da clínica fazendo do analisando o único a ser atravessado na análise. A violência do olhar, que em situações rotineiras possui aberta as possibilidades cerceadas pela distância do divã e o mutismo do analista, criam um vínculo de necessidade que impede o balanço recíproco das forças.<sup>1</sup> Ao ser confrontado, “Dr. X” afirma que está sendo violentado por “A”. Tal violência se apresenta como uma contra-violência, onde “A” pela primeira vez pode abdicar do seu papel passivo ao olhar do analista. A violência sofrida por “Dr. X” surge do atravessamento de seu ato, na inversão dos papéis, onde “A” se torna o analista, assumindo o papel daquele que olha e rompendo com a barreira criada pelo ritual psicanalítico imposto por “Dr.X”

Évidemment, vous aussi vous pouvez être enregistré si vous voulez; d'ailleurs, je vous ferai une copie si vous le désirez; ça devrait vous intéresser prodigieusement... enfin peut-être ... je l'espère pour vous. Bon... voilà! On ne peut pas guérir là-dessus! (Sartre, 1972, p.346)

A inversão dos papéis dentro desse caso marca a impossibilidade de reciprocidade em tais moldes. Ao contrário do que se é esperado, o ato de “A” agrava a situação. Na violência imprimida pelo seu olhar para o “Dr.X”, “A” age de maneira reativa as violências e distâncias de seu analista, assumindo o papel de consciência apropriante. Sua violência surge de uma frustração com tudo que lhe foi prometido, sua *cura* parece não ser possível mais para ele. “esta violência não é negada, mas deve ser concebida, sobretudo, como uma contra-violência, ou seja,” A”, emergindo como sujeito-agente, inverte a violência psíquica que sofria através do “Dr. X”. (Fujiwara, 2018. p. 419). Há a completa perda de controle sobre a situação, tendo o ápice da

inversão quando “A” saca um gravador e aparentemente inverte os papéis da sessão. Ao se propor a gravar a sessão, “A” força “Dr.X” a se comportar como “A” deseja e “Dr.X” se nega a fazer a sessão daquela forma pois afirma que sua clínica não é um experimento científico, fazendo com que se acentue a impossibilidade recíproca da clínica.

A passagem ao ato de “A” é uma inversão perdida, ela assinala uma incompreensão e um sofrimento – Sartre sabe disso -, mas ela não é menos vivida subjetivamente e Sartre quer absolutamente assinalar aqui que o saber da análise, esse saber que se ensina, parece ocupado em restaurar uma figura da intelectualidade objetivante que não toma as devidas atenções para com os atos do sujeito. (Fujiwara, 2018, p. 420)

Tudo o que “A” pede ao seu analista é que o autorize a cura, que liberte ele das amarras, que seu vínculo de doente-médico se quebre, pois ele se vê preso aos encontros quinzenais para poder ser algo, sendo que esse “algo desejado” está sendo imposto pelo próprio analista e por sua família desde os quatorze anos de idade. A autorização de cura se valida na possibilidade recíproca de olhar. “A” clama por ser liberto na tentativa de tornar a relação com seu analista mais “horizontal” e acaba por agir exatamente da maneira que seu analista age, como um objetificante. Tal horizontalidade seria impossível em Sartre, não devemos confundir horizontalidade com reciprocidade aqui. Sartre (1997) não aceita que exista a possibilidade de uma relação horizontal intersubjetiva. Toda relação intersubjetiva se dá em conflito, mas no caso específico, vemos que a completa verticalidade no manejo do vínculo analista/analizando. Poderíamos dizer da reciprocidade como uma busca por uma horizontalidade inalcançável, assim como a ideia de projeto. Durante o texto, vemos a construção desta cura através da reciprocidade, na possibilidade da situação face-a-face e no entendimento do analista como um sujeito que assume o risco de ser violentado pelo olhar do analisando. O discurso dessa clínica surge a partir da possibilidade empática do analista com seu analisando, em uma relação concreta, que não assuma uma abstração do analista/analizando, através de condutas de apropriação. Tal mote serve como base para entendermos a ideia da *situação limite* do analista enquanto um *esforço de clarificar* em busca da desconstrução do sujeito cristalizado. “O analisando deve perceber que o terapeuta é um ser humano como ele mesmo ou, para colocar de outra forma, o analisando deve aprender a reciprocidade positiva dentro do contexto da terapia.” (Cannon, 1991, 167-168)

### **A SITUAÇÃO-LIMITE NA RECIPROCIDADE, O ESFORÇO DE CLARIFICAÇÃO E A BUSCA PELA COMPREENSÃO EMPÁTICA**

O objetivo da psicanálise existencial deve ser o de interpretar as condutas frente a vida concreta, partindo do ponto inicial de que o sujeito nunca poderá ser tratado como uma passividade, mas sim uma totalidade que se expressa a todo momento na destotalização do ato. Para Sartre, o ato, por mais ínfimo que pareça, sempre expressa algo de si. Todo ato carrega consigo algo que diz sobre a significação que a subjetividade singular dá a sua falta original.

Esta manifestação concreta de si no mundo (a riqueza concreta do cogito) é a totalidade do para-si (a pessoa está nela por inteiro) ou, em outros termos, fala-se da “totalidade do impulso [individual e único; plenitude individual] rumo ao ser e

de sua relação original consigo mesmo, com o mundo e com o outro na unidade das relações internas e de um projeto fundamental”. (Moura, 2017, p.461)

Devemos voltar nossas atenções para o significado do si que acompanha esse conceito. O ‘si’ do conceito pressupõe que haja uma relação intencional entre pelo menos dois termos. Desta forma, notamos que o ‘si’ do para-si carrega consigo uma base dicotômica, onde ele aponta para uma relação entre o sujeito e o objeto intencionado. Tal termo serve para designar o para-si sartreano, o que não se apresenta na teoria como uma tarefa fácil, pois, como dito anteriormente, a consciência não é dada por um interior positivo, devido exatamente a essa relação intencional que se encontra. Sendo assim, vemos que esse ‘si’ não se apresenta na teoria como algo que aponta para a própria consciência, uma vez que estaríamos falando de um sujeito que se auto referencia, assim como um em-si faria. Isso nos leva a afirmar que o ‘si’ do para-si não é um existente real. O que isso afeta na teoria? Afirmar um ‘si’ que não carrega consigo o critério de existente, não permite à consciência que em si mesma se reflita. Ao contrário do em-si, a consciência quando tenta refletir-se em si, acaba por notar a ausência de si, pois esse ‘si’ é inexistente. Trazemos desta forma, novamente à tona, a proposta da intencionalidade da consciência. Se toda consciência não pode refletir-se em si mesma, ela só possui uma forma de buscar um ‘si’, e essa forma se encontra lançada no mundo. Assim, a consciência só pode ser enquanto movimento de transcendência de si para o mundo, se relacionando a todo momento através da intencionalidade de cada ato. Portanto, só podemos compreender a consciência como presença a si na relação com o em-si ou, como afirma Sartre: “a lei de ser do Para-si, como fundamento ontológico da consciência, consiste em ser si mesmo sob a forma de presença a si” (Sartre, 1997, p. 125).

Não podemos negligenciar nada que venha da experiência. O analista existencial deve estar sempre em uma relação que busca, em um esforço à clarificação, essas revelações que o ato expõe, de maneira a evitar a cristalização das condutas objetificantes. O trabalho da análise existencial se faz a partir de “uma decifração, uma determinação e uma conceituação (Sartre, 1997, p. 695). O ato sempre revelará algo do projeto e, ao mesmo tempo, tal revelação ocorrerá de acordo com a situação que a consciência atuante se transcende de modo que, a busca do analista existencial é a de fundamentar o projeto original e a desconstrução da má-fé enquanto estruturas que distanciam o sujeito da reflexão clarificante do projeto. “A distinção que faço entre conceito e noção se sobrepõe à que eu faço entre conhecimento e compreensão. Para entender um homem, a atitude necessária é a da empatia.” (Sartre, 1976, p.96). A vida concreta estará muito mais ligada a compreensão do que ao conhecimento. “Há, pode-se dizer, uma compreensão de si mesmo que o sujeito não pode colocar (reduzir) em palavras, já que ela escapa constantemente da existência (nomeada, classificada, normatizada, alienada, cristalizada) enquanto ‘totalidade destotalizada’ (sem fundamento, injustificável, original e irredutível)” (Moura, 2017, p. 435)

A partir das afirmativas feitas por Sartre, vemos que o tratamento do sujeito como uma *totalidade*, servirá como base para entendermos o discurso empático. A partir a proposta de *totalidade*, estamos negando as construções que poderiam criar um sujeito, a partir da coleção de fatos psíquicos. Como acabamos de afirmar, todo ato é sobre si e todo ato expressa essa totalidade em uma destotalização de si na atualidade, não podendo ser reduzido a manuais positivos que garantam certas propriedades necessárias

em uma abstração do para-si. A compreensão empática deve ultrapassar a relação hierárquica, pois ele também será parte desse processo de análise, pois, visto que o conflito intersubjetivo nunca se cessa, o analista deve abrir mão de buscar a superioridade analítica, para assumir os riscos de sua situação. Tal risco se faz na possibilidade de, durante a análise, por estar em uma atitude de compreensão empática, acabar assumindo para si certas objetificações advindas do processo da análise. Ao se colocar nessa posição de risco, o analista aceita o envolvimento com o analisando. Cabe aqui uma rápida definição acerca do conceito de projeto existencial, para melhor fundamentar a relação analista/analisando. Para Sartre, somos uma constante busca por realizar nossos projetos e para tal agimos de maneira a saciá-los de alguma forma. Se pensarmos que a relação analista/analisando é constituída por dois projetos distintos que não necessariamente convergem, entendemos o início das violências e dos conflitos de uma clínica.

Se no meu trabalho como terapeuta minha própria humanidade é o único meio que tenho para entender / afetar a humanidade do meu cliente, então é óbvio que para alcançar essa compreensão / eficácia, eu tenho que me arriscar. Não se pode envolver profundamente com um cliente no projeto (mútuo) de terapia sem, por sua vez, ser profundamente afetado por esse projeto. (Cannon, 1991, p. 321)

Isso se dá, uma vez que, ao me colocar nesta conduta empática, estou agindo e ao agir também estou de alguma maneira expressando algo sobre o que desejo para mim. A situação na qual se encontra o analista na clínica existencial é uma situação limite pois “Oui: qu'est-ce que la réalité quand analyste et patient sont vis-à-vis du face, quand, la violence aidant, l'analyste ne peut plus décider, séoul et souverainement, de ce qu'est le réel, autrement dit privilégier une certaine conception du monde ?” (Sartre, 1972, p. 335). Na relação intersubjetiva, o outro desloca os objetos do outro sem permissões concedidas. A situação-limite do analista existencial se faz através do alcance que seus atos têm na construção de análise, a partir da premissa de que a relação sempre será intencional, o analista se torna parte do mundo do analisando e vice e versa.

O papel do analista existencial seria então de um mediador para que o analisando possa alcançar por si só a clarificação de seu projeto original. Tal esforço se dá na medida que o analisando possa retomar as rédeas de sua liberdade em um ato constante de reflexão sobre suas condutas. A clarificação descristaliza as condutas, de maneira que a tomada de consciência reflexiva assume a frente dos atos, ao ponto que a construção do projeto se torna, não apenas um objeto do mundo, mas uma compreensão da relação de suas escolhas e sua busca original. Suas condutas tendem a mascarar os atos, a intercessão analítica serve então para desvelar e clarificar para que o sujeito compreenda suas escolhas. Tal clarificação não poderá nunca se instaurar como algo estrutural da consciência. A palavra “esforço” serve aqui para designar a constante nadificação apontada por Sartre (1997) da consciência intencional, buscando assim ilustrar a necessidade da reflexão para que as clarificações se mantenham. O esforço de clarificação pode ser a qualquer momento derrubado pela clarificação de si e por isso deve ser tratado como um ato que se renova constantemente na *práxis*. A decisão entre a clarificação ou a cristalização se dará então frente a aceitação da condição existencial ou a fuga no “temor da autenticidade”. A comodidade da cristalização das condutas pode até parecer atrativo, mas o papel do analista existencial será de possibilitar a escolha, de maneira que, ao trazer de novo à tona a situação, a clarificação tomará a frente das

reflexões.

Como sabemos, a consciência da liberdade, ao ser refletida pelo o sujeito, gera a angústia da facticidade e contingência da situação negativa existencial. Tal angústia desmistificadora, endereçada como a tomada das rédeas autênticas do projeto, surge da congruência entre a consciência reflexiva a partir dos esforços clarificatórios do sujeito, de um ato libertador de pura liberdade e “é vivido na angústia autêntica como questão que precisa inventar sua própria resposta e que não pode obter resposta a não ser que ela a invente” (Gorz, 2005, p. 645).

A compreensão empática, advinda da clínica da reciprocidade, dá as bases para a retomada da liberdade em situação. O sujeito da clínica deve se manter em um esforço de clarificação, e tal processo não será doada pelo analista, mas sim, facilitada ao instigar a reflexão sobre os atos do analisando. O entendimento de analista existencial de que ele está preso na dialética de assimilação-apropriação, possibilita que sua analítica não caia em um projeto que sobrepuja o outro, em um esforço de ser o algoz da clínica. A abordagem da psicanálise existencial não é nem uma manipulação para moldar o “melhor ego possível”, nem um distanciamento completo mutado. Ela se pauta no diálogo que surge a partir da experiência concreta de ambos os lados, na clarificação da condição negativa existencial e no envolvimento ativo da relação de alteridade. Portanto, a proposta de Sartre se pauta sempre em uma psicanálise das coisas, do mundo concreto que se funda na relação intencional.

#### **A RECIPROCIDADE, O *MITSEIN* COMO ESFORÇO PARA UMA RESOLUÇÃO TEMPORÁRIA E OS OBJETIVOS DA PSICANÁLISE EXISTENCIAL.**

A leitura de Sartre é permeada sempre pelo conflito, que muitas vezes foi lido como um modo de ver a vida mesquinho, egoísta e que não busca a compreensão do outro, mas apenas um projeto de si. Tal problemática, largamente tratada em sua conferência *O Existencialismo é um Humanismo* de 1946 nos mostra que o ponto de partida do existencialismo é a relação com o outro, de maneira a Sartre denominar nossa existência como *ser-para-si-para—outro*. Mas Sartre coloca em questão, durante *O Ser e o Nada* (1943), que ao afirmar que as relações concretas com o outro tendem ao fracasso não significa que elas devam seguir se colocando, abrindo assim a possibilidade de minimizar os danos dessas relações na psicanálise existencial, a partir da reciprocidade. O reconhecimento do outro em sua liberdade serve como base para podermos falar da relação de alteridade na psicanálise existencial e da possibilidade da compreensão empática. Como vimos anteriormente, a psicanálise clássica não busca a criação do ambiente empático ao criar a situação distante entre analisando e analista. Sartre aponta alguns impedimentos para que isso aconteça. Nossa rotina, nossos vícios e nossas manias, sobrepõem a abertura para a possibilidade de uma reciprocidade. A subjetividade se mantém oculta para o outro, a partir da objetividade da carne que se mostra. O corpo, a aceitação da subjetividade, deveria servir como algo que deixa transpassar o subjetivo para o mundo concreto. Porém, ao nos escondermos dentro de nossas couraças sociais, mantemos o corpo como um distanciamento do outro no ocultamento da subjetividade. As definições objetivas que criamos para nos desprender da nossa condição subjetiva, já foram chamadas aqui anteriormente de má-fé. Desta forma, vemos que Sartre indica na má-fé um distanciamento da possibilidade recíproca,



e ainda, que para poder haver essa possibilidade recíproca, objetividade e subjetividade devem atuar como uma só. “(...)se a consciência é o corpo e vice-versa, faz-se necessário que, ao entregarmos o corpo, entreguemos, com ele, nossa consciência” (Fujiwara, 2018, p.422)

A desconstrução dos objetos de má-fé retorna, como havíamos dito anteriormente, através de um esforço de clarificação. Aqui, mais do que antes, vemos como o termo *esforço* é empregado de maneira exata. Sartre nos mostra, durante sua obra magna, que na relação de alteridade, tomamos condutas que tentam cessar a nossa condição negativa, buscando alcançar no outro uma resolução total da existência. Sartre recorre ao termo *mitsein* para designar uma relação não conflituosa provisória que “surge e desaparece caprichosamente, deixando-nos diante de outros-objetos, ou bem ante um ‘se’ impessoal que nos olha. Aparece como uma trégua provisória que se constitui no âmago do próprio conflito, e não como uma solução definitiva desse conflito.” (Sartre, 1997, p. 530)

O *mitsein*, enquanto uma consciência de “nós”, seria brevemente um momento onde o conflito não teria tanto impacto na relação. Sartre deixa claro que não é uma resolução, mas sim, algo que se mantém como um paliativo do conflito, ao de modo que, para que isso possa ser feito, devo agir em um esforço para me sentir parte de algo, de um projeto maior, mas que ao mesmo tempo é apenas um ato livre meu. Tal proposta nos mostra uma experiência que, apesar de tentar se apresentar como uma equação de igualdade na relação de alteridade, surge do sujeito em um movimento transcendente, que visa apenas seu próprio projeto, enquanto parte de algo. Tal conceito se forma como um esforço pela tamanha instabilidade de seu ato, pois pressupõe atividades comuns de toda uma comunidade envolvida com esse projeto. A relação do psicanalista existencial com seu analisando, deve sempre buscar um apaziguamento do conflito na tentativa da construção de um nós-sujeito da clínica, de modo que o analisando se sinta como parte de um projeto maior do que seus problemas. A reciprocidade surge em um esforço que tenta alinhar os desejos, na busca de um processo clarificador que possa lançar luz sobre o projeto original. A promoção da clarificação deve agir a partir da construção da situação que o analista existencial faz, para que o analisando se sinta parte desse projeto.

Talvez possamos reconhecer ainda mais o potencial positivo do Olhar, se entendermos que, como Hazel Barnes aponta, existem dois outros Olhares possíveis que Sartre não enfatiza em *Ser e Nada*, mas que não são contraditos por suas observações ali. A primeira é a de que duas pessoas olham para o mundo juntas, o “nós” do “projeto comum” que Sartre menciona em “Ser e o nada” (p. 423-30), mas sobre o qual ele não elabora. É a base para a camaradagem, se isso ocorre no mundo do trabalho ou em um relacionamento íntimo. (Cannon, 1991, p.98)

A quebra da barreira do olhar emplacado pela psicanálise clássica, colabora para construção desta situação aqui citada. Ao buscar a reciprocidade no risco assumido de deixar ser olhado, abrimos a possibilidade desses momentos de construção coletiva acontecerem. O analista aparece como alguém desnudado para o analisando, na compreensão mútua de vulnerabilidade causada pela incompletude de si. Deixar as vistas do analisando a fragilidade da própria existência, é desconstruir a figura de superioridade do analista, desvinculando-o de ser o objeto de cura e habilitando o

analizando em sua liberdade. Vemos isso no comentário de Sartre acerca da frustração de “A” em *L'Homme au Magnétophone*.

Je sais : le ‘malade’ doit s’émanciper lui-même, à lui de se découvrir peu à peu. L’ennui, nous dit A ... , c’est qu’il est entendu au départ qu’il se découvrirait comme une passivité, à travers ce regard qu’il ne peut capter et qui le jauge. L’homme au magnétophone est convaincu que le chemin qui mène à l’indépendance (faire face à ses fantasmes, aux hommes) ne peut passer par la dépendance absolue (transfert et frustration, promesse au moins tacite -je vous guérirai - attente d’une « permission »). (...) Il veut bien qu’on le lui dise mais en le regardant dans les yeux. (Sartre, 1972, p. 332-333)

Outro ponto que devemos notar, é o da comunicação que surge. A linguagem tem um papel importante para a construção da reciprocidade. A criação de artifícios objetificantes de nosso cotidiano conta com a linguagem. Por muitas vezes ela pode ser uma ferramenta que silencia a subjetividade em descrições objetivas de si em situação. Porém, notamos que a linguagem também tem um papel de clarificação. Através da proposta de reciprocidade, podemos transformar a linguagem em uma compreensão do outro. “Sendo a frase significativa a unidade verbal, trata-se de um ato construtivo só concebível por uma transcendência que transcende e nadifica o dado rumo a um fim.” (Sartre, 1997, p. 632). A linguagem surge então, não só como uma forma objetificadora de si, mas também como um modo de expressar a própria subjetividade em uma relação intersubjetiva. Compreender as aflições da fala é uma ferramenta que deve ser utilizada pela psicanálise existencial. A compreensão da fala não é dada de um ponto de vista superior, mas compreender o que o outro “deseja dizer”, ou seja “Aderir a seu movimento de transcendência, lançar-me com ele rumo a possíveis, rumo a fins, e retornar em seguida ao conjunto dos meios organizados para compreendê-los por sua função e seu objetivo.” (Sartre, 1997, p. 632)

A linguagem seria a ferramenta por onde eu alcanço algo sobre o outro e expresso, mesmo que de forma obscurecida, algo que pode ser trazido para o vivido concreto.

É óbvio que esta possibilidade de exteriorização do para-si pelo outro não toca totalmente no *télos* de sua imanência (ordem do vivido), mas, revestindo o vivido através da linguagem, este seria melhor explicitado uma vez que a linguagem seria capaz de revesti-lo com um esboço de exterioridade e materialidade para melhor apreendê-lo em sua translucidez (Fujiwara, 2018, p.430)

O analista existencial, neste caso, tentaria conduzir o sujeito a reencontrar a própria subjetividade. Através da clarificação do projeto original, haverá também a clarificação do vivido concreto como si mesmo.

Para tal intento, Sartre sugere que deveríamos assumir uma “conversão radical” na atitude recíproca com o outro. Ao invés de assumirmos condutas apropriadores ou assimiladores frente ao outro, a conversão radical nos leva ao reconhecimento do outro enquanto liberdade e projeto, buscando não subverter a clínica em um espaço para ganho próprio. A conversão não seria uma solução, mas um modo pelo qual poderíamos compreender que sou enquanto liberdade factual do outro e vice-versa. Há um abandono da tentativa de uma liberdade objetificada, substantiva, que abdica da busca pela manipulação do projeto do outro como meu, em uma construção empática com o outro. “(...) o terapeuta existencialista veria o objetivo da terapia como uma conversão radical a

uma filosofia da liberdade que permitiria uma validação reflexiva de si mesmo da consciência pré-reflexiva.” (Cannon, 1991, p.159).

O esforço de clarificação daria bases para que o sujeito, a partir de uma consciência de um *mitsein*, por alguns instantes clarificados que surgem da tomada reflexiva de consciência proveniente dessa angústia desmistificadora, possa se ver como aquele que cria a si mesmo. Sendo assim, a tarefa da linguagem no discurso da psicanálise existencial é a de clarificar de maneira guiada o projeto original, em uma comunhão empática entre analisando e analista. Tal tomada de consciência não se constrói como algo que vem de supetão, não esperamos que esse processo leve à grandes realizações automáticas, mas que surjam lampejos clarificados que reabilitem o sujeito a um ato livre e autêntico em direção ao seu projeto, e assim, retornando-o ao vivido concreto.

A partir da linguagem conjugada do psicanalista e do psicanalisando linguagem construída sob os auspícios de uma relação generosa, seríamos capazes, a título de hipótese, de construir um tipo de relação autêntica, afinal, se a linguagem é “nossa carapaça e nossas antenas, (se ela) protege-nos contra os outros e informa-nos a respeito deles, (pois ela) é um prolongamento dos nossos sentidos”, é preciso também dizer que ela – a linguagem – é igualmente o instrumento privilegiado da elucidação psicanalítica do sujeito pelo sujeito, o elemento capaz de operar a comunicação entre os indivíduos. (Fujiwara, 2018, p. 432)

Reconhecemos que o papel do analista existencial será o de possibilitar o sujeito a se reconhecer novamente enquanto subjetividade e liberdade em situação, de modo que, ele retome para si as rédeas de seus atos, escapando das determinações do meio e dos hábitos de má-fé. Como Sartre nos mostrou, o olhar do outro, a linguagem, a relação concreta com o outro, nos dá um ângulo externo de nossa própria condição. Ser visto é ser trazido ao vivido concreto, pela violência intersubjetiva, mas também pela consciência de ser compreendido empaticamente a partir de uma reciprocidade que mostra a condição negativa como algo partilhado, clarificado pela linguagem que angustia e desmistifica a si. “Veem-me, logo existo. Não me cabe mais suportar a responsabilidade do meu pastoso escoamento: quem me vê e me faz ser. Sou como ele me vê.” (Sartre, 2005, p.698).

A psicanálise existencial se faz como uma ferramenta clarificadora do projeto original. Sua busca não se faz na fundação de um analista superior ao analisando, mas como alguém que entende a própria condição como algo partilhado com todos, a qual essa condição não deve ser negada, mas sim retomada, evitando que caiamos em mazelas impostas pelo meio sem nosso conhecimento. Trazer à tona a vida concreta, clarifica o caminho em um constante esforço por si e pelo outro.

## REFERÊNCIAS

- Barata, A. (2008) *O outro e a relação: O contributo da fenomenologia da intersubjectividade*. In: *Phainomenon*, Lisboa, v. Primavera/Outono, n. 16/17, p. 295-314.
- Cannon, B. (1991). *Sartre and psychoanalysis: An existential challenge to clinical metatheory*. Lawrence, KS. University of Kansas Press. Fairbairn, WRD
- Fujiwara. G. (2018). *Da Ontologia Fenomenológica à Psicanálise & Biografias Existenciais: o Si como Nervura dos Conflitos* (Tese de Doutorado). Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, SP, Brasil.
- Gorz, A. (2005) Authenticité et valeur dans la première philosophie de Sartre. *Les Temps*

*Modernes: Notre Sartre*, 1(632-633-634), 626-668.

Moura, C. E. (2017) *Psicanálise Existencial, Existencialismo e História: a dimensão sócio-material e a autenticidade no processo da construção de si*. Curitiba: Editora CRV.

Sartre, J.P. (1972) *Situations, IX. Mélanges*. Paris: Gallimard.

Sartre, J.P. (1976) *Situations, X. Politique et autobiographie*. Paris: Éditions Gallimard.

Sartre, J.P. (1997) *O Ser e o Nada*. Petrópolis: Vozes.

Sartre, J.P. (2005) *A Náusea*. 12.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

## NOTAS

- 1 Ao mesmo tempo, entendemos que o divã é um dispositivo fundamental para o respeito às regras fundamentais da análise. A atenção flutuante ficaria facilitada por não observar o corpo do analisando, bem como a regra da abstinência e da livre associação ficariam potencializadas pelo recurso ao dispositivo.